

Avenida, tendo Domingos Ribeiro Filho como secretário; Pausilipo da Fonseca conciliava sua atividade como redator político do *Correio da Manhã* e a direção do semanário anarquista *Novo Rumo*. O mesmo Crispim do Amaral lançaria, a 12 de agosto de 1905, *O Pau*. Lima Barreto, entre 28 de abril de 1905 e 3 de junho de 1906, fez, para o *Correio da Manhã*, uma série de reportagens. Era a época das “francesas”; Lima Barreto achava que elas “davam-se ao trabalho de nos polir”, e, no *Gonzaga de Sá*, escreveria mesmo: “A sua missão era afinar a nossa sociedade, tirar as asperezas que tinham ficado da gente dada à chatinagem e à verriagados escravos soturnos que nos formaram; era trazer aos intelectuais as emoções dos traços corretos apesar de tudo, das fisionomias regulares e clássicas daquela Grécia de receita com que eles sonham”. No mundo buliçoso da imprensa, rodava Domingos Ribeiro Filho, funcionário da Secretaria da Guerra mas, ao mesmo tempo, boêmio e anarquista, que surge vivo da página em que o retratou Astrojildo Pereira: “Pequenino de estatura, muito feio, o narigão recurvo, Domingos Ribeiro Filho constituía-se logo, em qualquer grupo, a figura central, graças ao sortilégio de um espírito em fulguração permanente. Era na verdade um conversador admirável, e escrevia como falava, com a mesma abundância e o mesmo encanto. Os seus ditos, os seus epigramas, os seus sarcasmos demolidores se sucediam e multiplicavam com uma vivacidade absolutamente pasmosa”⁽²³²⁾. Era, assim, fase em que literatos e anarquistas operários juntavam-se para propagar as mesmas idéias⁽²³³⁾.

Foi nesse ambiente que se reuniu o I Congresso Operário, no Rio, entre 15 e 20 de abril, na sede do Centro Galego, por iniciativa da Federação Operária Regional do Rio de Janeiro, com a participação de represen-

(232) *In Diretrizes*, Rio, nº 107, de 16 de julho de 1942.

(233) “Dos movimentos que, por essa ocasião, tentaram sacudir o marasmo da vida literária, não se poderá omitir o surto de uma certa literatura social, cujo aparecimento coincidiu com as primeiras agitações grevistas verificadas no Rio de Janeiro. (...) Em São Paulo, os grupos socialistas chegaram a manter jornais de apreciável circulação, publicados em língua italiana, como *Avanti* e *La Bataglia*. Foi de lá que partiu o primeiro grito de solidariedade aos revolucionários russos de 1904 com um manifesto ‘às sociedades, aos círculos e a todos os homens de coração’, assinado quase somente por imigrantes europeus. Gente como Alexandre Czerkiewicz, Antônio Piccarolo, Oreste Ristori, Neno Vasco, nomes que depois se tornaram familiares aos que se dedicavam ao movimento operário. Figurava, de permeio, o jovem poeta Ricardo Gonçalves, autor de um livro de versos bucólicos, *Ipês*, que em nada condiziam com a atitude do revolucionário, fazendo coro com os ‘companheiros proletários’ russos e brasileiros. (...) No Rio, os agitadores também se unem aos literatos. Há uma pequena imprensa libertária, impulsionada por um operário, Mota Assunção, e por um alferes do Exército, Joel de Oliveira, que conta com o apoio entusiástico de intelectuais, Fábio Luz e Elísio de Carvalho, entre outros. Foi esse contato que possibilitou, sem dúvida, a criação da Universidade Popular, de vida efêmera, e, mais tarde, o I Congresso Operário”. (Francisco de Assis Barbosa: op. cit., pág. 149-151).